

# Os que desejam a guerra

...A parte o rebanho de idiotas que pretende fazer-nos acreditar que a sua opinião é a opinião de todo o país, só desejam a guerra os que tiram alguns benefícios dela: as dinastias, os governos, os políticos, os grandes banqueiros, os capitalistas, os industriais, os fornecedores do exército e os militares profissionais.

Assim, auxiliados pelas castas do feudalismo territorial ou financeiro, os governos preparam a guerra nos seus conciliábulos secretos, não obstante viem a público, continuamente, com as suas pomposas declarações de acendrado amor pela paz. E' que eles entendem que os povos se agitam, que tem vagar demasiado para estudarem as causas da sua servidão e da sua miséria, e que, vindo a conhecer a fragilidade dos ídolos, bem depressa os esborrachariam de encontro a uma parede. Necessário, é, portanto, distraí-los. Uma sangria abundante acalmar-lhes ha a sua febre de pesquisas. Alguns milhões de franceses e de alemães degolados, eis o remédio salvador: — enquanto os sobreviventes choram os seus mortos queridos e reparam as ruínas dos seus lares, enquanto se fatigam, trabalhando para pagar o resgate da pátria vencida ou as despesas da horrível vitória, permanecerão tranquilos e não hão de maltratar os seus tiranos nem os seus exploradores. O «espírito mau» ficará domado, e os subversivos poderão ser encarcerados ou fusilados. A iniquidade florescerá então por mais umas dezenas ou centenas de annos...

Para os políticos a guerra é um optimo pretexto. Os que rastejam pelos subterrâneos esperam somente que uma grande convulsão os faça subir á superficie. Os que disfrutam o Poder, contam mostrar, apenas, as suas faculdades no meio dum cenário maior, dizendo-nos que trabalham para a História... E' que eles sabem que um ministro principia a sair da sua obscuridade se consegue fazer matar dez mil homens; mas se é ele esse número a cem mil, chamam-lhe-hão homem notável; e se apresentar um milhão de cadáveres, então será adorado como um semi-deus!

Além disso devemos contar com os chorudos negócios e com o jogo dos fundos públicos. Se o syndicato especulador, cujas ordens o governo executa, tem o jogo baixo e quer fazê-lo subir, a solução é simples: — vota-se a guerra. Para os financeiros os milhões; para os trabalhadores a morte...

Na Edade Média, dois barões invulneráveis sob as suas armaduras, declaravam guerra um ao outro e batiam-se por passatempo, enquanto que os seus servos anavahavam a são e salvo para os roubar, os cidadãos rotos, famintos e desarmados. O primeiro dos barões que se cançava, rendia-se, mas as suas nobres peles restavam sem a menor arranhadura. O vencedor levava o vencido prisioneiro para o seu castello e comia com elle á mesa. Os servos deste suavam, então, per todos os poros, afim de obterem o resgate do seu amo, o qual, uma vez em liberdade, obrigava-os a trabalhos mais duros e mais penosos para arranjar as coisas necessarias a uma nova preparação para o combate. E a luta começava, mais tarde ou mais cedo.

Agora os barões do dinheiro fazem guerrear as nações, para apostar sobre os fundos públicos. O que ganha arrebatá o que perde. Contudo um e outro embolsam muitos milhões pelos empréstimos que fazem aos paizes beligerantes. E' preciso que os homens se trucidem ás centenas de milhar e que meia Europa fique devastada, para que cinco ou seis milionários, judeus ou cristãos, repartam entre si os despojos dos povos, que hão de suportar, depois da guerra terminada, um jugo mais pesado que antes...

Os diplomatas desejam a guerra, visto serem eles que a comecam e que a acabam. Por disputas entre as suas esposas e as suas amantes, fanatisam a multidão estúpida; ás vezes a honra dos povos fica empenhada porque a filha dum embaixador roubou o

amante á mulher dum ministro. E' o caso que acabam de nos contar, que o ministro dos negócios estrangeiros de Napoleão III provocou a guerra de 1870 para humilhar Bismark, o qual fizera pouco dele, em Viena, durante uma caçada. E por causa da vaidade deste miseravel, o mundo sofreu atroamente, desgraças, fome e peste.

Os fornecedores do exército desejam a guerra para ganhar milhões, vendendo ao Estado calçado que não presta, pão envenenado e carnes podres.

Os capitalistas desejam a guerra, porque há muito dinheiro disponível. Os seus interesses baixam constantemente; bem depressa ficariam reduzidos a zero, pelo que seriam obrigados a trabalhar como toda a gente. Para prevenir esta desgraça não ha mais do que um meio: a guerra. Tendo grande procura, o capital produz maiores lucros. Os que o emprestam ficam sendo crédores do Estado; o trabalho da nação constituirá a sua garantia. Todos os que não possuem mais do que os seus braços e o seu cérebro, terão que trabalhar duplamente para que os juros passem de 6 a 8 por cento...

Os militares profissionais, enfim, querem a guerra, para adquirirem galões. Quando se segue uma carreira destas é para subir, subir sempre. O trabalho monótono, a que a paz condena os officiaes, exaspera-os. Os esforços que fazem, pelo menos durante os primeiros annos do officio, annos de entusiasmo e de fé, não significam outra coisa que não seja a sua condução para a guerra.

Ha paizes onde os militares formam uma casta cuja existencia e privilegios unicamente se podem explicar pela guerra. Sem ella, a nação laboriosa que suporta o seu orgulho e a provocadora ostentação dos seus galões, rapidamente se desembaraçaria desses parasitas...

Em França, a maior parte dos officiaes não tem pretensões insolentes, nem aspiram muito a constituir uma casta: são honrados, boa gente. Succede ás vezes que mandam fusilar soldados, porque tiveram gestos grosseiros; que amordaçam outros, depois de os terem amarrados no cepo, até que morrem; mas no geral, tem bastante consciencia das dificuldades da sua situação no Estado moderno. E com a população civil mantem boas e amistosas relações. Todavia, para obterem mais um galãozinho são capazes de passar a fio de espada a Europa inteira...

A proposito: repare na vitrine dessa casa de chapéus para senhora. Ali está um tenente que faz gestos graciosos ás operarias. E' formoso é é jovem; tem o cabelo russo, um bigode bem cofado e gosta muito de bailes. As mães disputam no para ás suas filhas, e as pobres donzelas extasiam-se ao ver o seu uniforme. Adivinha em que é que elle sonha? Acaba de sair entusiasmado de Fontainebleau, e só ama os seus canhões. Para sair capitão quanto antes, quereria experimentar na carne viva os novos projecteis e os últimos explosivos, destruir a juventude cheia de vida e esperanças, incendiar a grandes distancias bibliotecas e museus, exterminar com precisão matemática as mulheres e os velhos das cidades sitiadas... tal é o seu ideal. Este sim, que deseja a guerra...

Chocou o poeta patriótico ao ouvir estas palavras, e ferido na sua veneração por o uniforme do soldado, replica-me:

— Pelo menos, não poderá arguir os officiaes de que, apesar de desejarem a guerra, fogem dela. Graças a deus, os nossos officiaes são em todas as partes os primeiros a expor-se ás balas.

— Nem os primeiros, nem os ultimos, respondi. Estão com os seus soldados, depois que a nação lhes pagou vinte ou trinta annos de soldo, na previsão de seis meses de guerra... E ajunto, que correm menos riscos do que os soldados e tem mais probabilidades de beneficios...

— Menos riscos!... exclama o antigo guarda nacional.

— Sem dúvida, menos riscos. Na guerra moderna morre muita

gente, vítima da matralha que tanto atinge soldados como officiaes. Mas morre-se mais de fadiga e de miséria, por se arcar com a mochila e por falta de pão. O official, comquanto pouco habituado ás fadigas, não usa mochila, a mortal mochila...

Se sai para a refrega, obterá uma cruz, a gloria, a promoção, um aumento de soldo. Se o mutilam terá uma comenda, uma pensão um emprego. Se o matam, a sua viuva e os seus filhos receberão a pensão de sangue: a nação paga. Porém a mim, cidadão que em tempo de paz produzo tudo que é indispensavel á mananca dos meus, se acaso me mutilam ficarei condenado a morrer de fome, com minha esposa e os meus filhos. Se succumbo, então os meus morrerão á mingua. E se vier são, no meu regresso talvez encontre mortos de fome a minha esposa e os meus filhos. Não me será dada pensão alguma. Ao contrario, serei obrigado a trabalhar novamente para que o Estado possa pagar as pensões aos demais e cobrir as despesas da guerra...

Se se reflectisse sobre estas coisas, estou seguro de que os que ardentemente desejam a guerra, seriam os primeiros a detestala, a combata-la...

URBAIN GOHIER.

## Cartas de longe

A luta diária que existe entre o Capital e o Trabalho, e que dia a dia toma maior incremento, faz com que a classe trabalhadora se vá organisando solidamente, para se poder impor ao absolutismo e tirania dos que usurpam o produto do seu labor. Capital e Trabalho, são representados por duas classes com interesses diametralmente opostos.

Tudo quanto convenha á classe capitalista, é contrario aos interesses da classe trabalhadora. E tanto assim, que a I. W. W. é a unica organização na America, que os capitalistas odeiam, porque é justamente a que defende os interesses dos explorados. Isto prova evidentemente, que tudo quanto os exploradores antagonizam dentro do movimento operário, é o que os trabalhadores devem lançar mão.

Pela mesma razão, devem os trabalhadores abandonar a A. F. of L. por ser uma organização com que os capitalistas se conformam; e ainda mais: é que, propagando a ideia da divisão do proletariado em classes torna-se anti-natural, sabendo-se demais a mais, que a tal divisão produz a fraqueza e consequentemente a derrota, cuja derrota, é a vitória dos patrões.

O sistema de organização para a classe trabalhadora, já ella o tem. E' o mesmo que o das fabricas, das minas, dos vapores, de toda a parte aonde se trabalha: sempre ao lado dos seus companheiros. O que lhe falta é combinar essa força industrialmente, para poder contar com a vitória na hora solene da revolução, ou ainda nas pequenas greves que levar á pratica.

A questão de nacionalidades entre a classe trabalhadora, deve ser letra morta; e isto pela mesma razão de que os patrões não se incomodam com esses principios. A eles, tanto convem um espanhol como um grego, um russo como um ingles; a questão principal para eles é de força muscular: homens, mulheres ou crianças que possam produzir. Aos trabalhadores o que convem é organizar toda a força muscular e intelectual, e assim, usando destas duas faculdades, combater a ignorancia que desejam os patrões, e destruir-lhes todos os seus planos baseados só na estupidez. O resto do tempo deve ser empregado a combater o fanatismo, patriótico e religioso, mas sempre solidarios com os seus camaradas nas horas de luta.

A divisão sustentada pela A. F. of L. não tem razão de ser; combata-la, mostrar os seus erros e a falsidade dos seus métodos, tal será o objectivo destas cartas.

New Belford Mass, 8-12-94.

V. PAMPLONA

## UMA FALENCIA

Não se imagina quanto, nos tempos de guerra que vão correndo, essa gente se tem occupado desse diacho de deus do céu! Cada declaração de guerra, alemã, austriaca, russa, inglesa, invocou o seu deus, o deus dos exercitos, afim de santificar do antemão o assassinato do próximo. Padras franceses e pastores tudescos rezam generosamente para que os ferimentos e a morte atinjam o compo inimigo. E é de carabina em punho que se incitam os homens á peleja, berrando: «Amavos uns aos outros!»

Nunca a humanidade assistiu a tamanha falencia! Após vinte séculos de cristianismo, nota-se que não ha um deus unico, que os cristãos não são de modo algum monoteistas, que não ha entre eles unidade moral alguma, mas possuem tantos deuses quantos são os ódios de raça e os ódios de campanário. Ora é precisamente este o momento escolhido para trabalhar numa recrudescencia religiosa. Os cristãos são na verdade gente descarada; tem uma falta de pudor pavorosa. Quando deviam humildemente fazer acto de contrição, confessando quanto mentem á sua fé, quando ridiculamente vérbosa é a sua filosofia, mostram arrojo, multiplicam as preces publicas exaltam a sua creença, levantam olhos ao céu e fazem colectas para as suas igrejas.

E' impossivel presenciari esse espectáculo mais hipócrita e portanto mais ascoso. E se o povo tivesse uma sombra de espirito critico, estaria para sempre liquidada essa religião que diz ao mesmo tempo: «Não matarás» (Deut., V) e «Sede submissos a qualquer autoridade humana, por amor do Senhor, quer seja a do rei, quer seja a dos magistrados, dela investidos para punir os maus» (I Pedro, II, 13 e 14).

O cristianismo proibiu aos seus adeptos as violencias contra o próximo. Pois é esse mesmo cristianismo que os adventistas e os sectários acabam de invocar, por meio do versículo de Pedro, para justificar a sua marcha para a mananca. Mais uma vez: atros hipocrisia!

Não ha duvida: os que nos veem declarar que a religião é a salvaguarda da moral ou tem bom estomago ou possuem uma dose imensa de estupidez. Mau dilema sob todos os aspectos.

João WINTSCH.

## ATE' QUANDO?...

Estamos em pleno inverno, na quadra do ano, em que até a própria natureza vem com os seus horrores, contribuir para tornar mais inditosa a sorte dos que, para viverem, precisam de se expor a todas as intempéries. Effectivamente é na época invernosca que mais se patenteia a enorme desigualdade que existe entre as duas classes sociais: operarios e capitalistas.

Porque no verão o viver dos operarios é mais suave; agora, as inclemencias do tempo, o vento, a chuva e o frio, tornam-lhes a existencia num perfeito martirio, por não terem o indispensavel para se vestirem. No calor, a familia dos proletários gosa de uma relativa felicidade, pois que o Sol a todos beneficia: aos ricos, aos sem camisa, aos deserdados faz elle muitas vezes esquecer as próprias necessidades do estómago. E' pois devido á furia do vendaval, que mais se avivam as cores do quadro que representa a actual organização da sociedade. Assim, dum lado vemos crianças magras, esqueléticas, enfesadas pela fome que tem passado, semi-nuas, tiritando de frio: são os filhos dos pobres; do outro lado encontramos crianças que brincam alegremente, bem vestidas, bem calçadas e bem tratadas, as faces coradas, sinal de que gosam de excelente saude: são os filhos dos ricos. Além disso deparam-se nos serres femininos que para ganharem uma cõdea de pão são obrigadas a percorrer, debaixo de chuva e a pé— quantas vezes no ultimo periodo de gravidez — a distancia que lhes separa a casa da fabrica ou atelier, onde chegam completamente alagadas, tendo

de secar no corpo, o miserio vestuário que lhes cobre os ossos; são as mulheres dos pobres; e senhoras que nada fazem, pois tem uma aluvião de criadas para as servir, cercadas de todas as comodidades, possuindo os melhores agasalhos, e que, quando saem a visitar as suas «amigas» não o fazem a pé, pois tem bons trens, auto-moveis, etc.: são as esposas dos ricos. Ha tambem homens que depois de um dia de violento trabalho regressam á triste habitação com as forças completamente exaustas e o fato encharcado, e que, em vez de uma boa refeição que lhe retemperasse as forças perdidas, encontram uma tija de caldo mal adubado e um bocado de pão duro que os seus dentes mal podem triturar: são os pobres. E ha criaturas que passam a vida no café, no club, jogando, bebendo e dançando, habitando sobérbos palácios onde lhe não chega nem o ar da rua, e tem a mesa provida dos melhores manjares: são os ricos.

E' assim que a sociedade está organizada, devido á ignorancia dos produtores, que, sendo os que tudo produzem, vivem miseravelmente. Mas até quando durará esta infame desigualdade? Até quando os trabalhadores quizerem.

Para quizerem é preciso que compreendam que nesta sociedade não são livres, são tutelados; que não vivem, vegetam. Basta, pois, de vegetar. Despertem para a luta, e num esforço titânico, acabem com a tutela politica, religiosa e capitalista, que humilha, explora e oprime. Se assim se proceder não haverá mais pobres nem ricos, pois serão todos iguais. E ao aproximar-se o inverno não se verão rotos e esfarrapados: a todos estará assegurado o seu bem estar.

F. BENTO DA CRUZ

## Na santa Rússia

A Aurora indicou há um mês o que faz actualmente, em matéria de liberalismo, o tsarismo russo, campeão da liberdade na Europa, conforme se descobriu á última hora. Damos hoje mais uma mancha de factos.

Continuam presos os inúmeros revolucionários, socialistas, anarquistas e liberaes avançados que enchem as prisões antes da guerra. Os próprios que, desterrados na Sibéria, pediram que os mandassem para a guerra, viram o seu requerimento indeferido. Foi recusada a amnistia até aos patriotas da Finlândia, que continuam na Sibéria por ter defendido commeios legais a autonomia da sua pátria, que é um Estado de facto garantido pela própria lei russa.

Protestando contra o entusiasmo ingénuo de Bartzell, o socialista russo Martoff mostrou que, desde o começo da guerra, recrudesciu na Rússia a reacção contra os socialistas e revolucionários, sendo suspensa a sua imprensa, presos os militantes mais influentes e dissolvidos os syndicatos operários. Num comunicado, o Partido dos socialistas hebreus da Rússia confirma aqelles factos e diz entre outras coisas: «Os presos políticos e deportados que se achavam nos cárceres das localidades vizinhas do teatro da guerra foram prontamente transferidos para as prisões da Rússia central, não fosse o exercito alemão invasor pô los em liberdade». «As condições dos hebreus não obtiveram a menor modificação para melhor: são integralmente mantidas todas as infames leis de excepção contra elles. Facto odiosissimo: estas leis excepcionais repressivas são applicadas pelo governo do tsar até aos habitantes hebreus que os horrores e devastações da guerra expulsaram dos seus lares.»

—Mas, ao menos, o tsar prometeu a autonomia á Polonia...

Isso sim! Ainda que assim fosse, a promessa não valeria um caracol e nada valeria igualmente a própria «autonomia» sob a dominação tsarista. Sobre o valor de ambas, elucidá-nos sufficientemente o que tem succedido e continua a succeder aos hebreus e aos finlandeses. Mas é que nem sequer promessa houve, da parte do tsar. A promessa foi feita num manifesto do generalissimo, e o tsar

Cominho